

Hermenegildo Chaves (o velho e querido (Monzeca) me contou a história de um carteiro de Montes Claros que ficava irritadíssimo quando aparecia uma carta com o endereço assim: "Montes Claros — E.F. Central do Brasil — Estado de Minas Gerais." Ficava irritadíssimo com aquela referência à Central. Então para uma carta chegar a uma cidade importante como Montes Claros era preciso mencionar a estrada de ferro? O carteiro entregava a carta de má vontade e chamava a atenção do destinatário: — Veja só. Esse sujeito está querendo fazer pouco de Montes Claros!

(Aliás eu também fui acusado disso, mas tudo intriga de Marques Rebêlo, que inventou esta minha opinião sobre Montes Claros: "bom lugar para se fazer uma cidade". Eu até defendi Montes Claros contra um português que era concessionário da energia elétrica e não acendia as lâmpadas em noites de lua cheia, por economia: um cavalheiro que explorava o próprio luar do sertão.)

Na minha infância conheci um velho carteiro que era a melhor alma do mundo. Conhecia toda a gente. Conhecia tão bem que até podia imaginar o conteúdo das cartas que entregava — e as entregava com uma cara de circunstância. Se uma pessoa da família viajava e, dias depois, vinha uma carta, ele chegava sorridente, abanando o envelope, com um sorriso que dizia com a maior clareza:

— Olhe, Dona Candinha, a Josefina já escreveu.

E, ao longo dos anos, vestindo sempre o seu surrado uniforme cáqui, andando de casa em casa, se interessando pela saúde dos membros de cada família — era como se ele próprio fosse um membro de todas as famílias. Aos meus olhos de menino

ele era um personagem importante, uma autoridade cordial e poderosa, e de algum modo as cartas eram coisas suas, que ele podia trazer ou não. Só uma coisa o irritava: era gente que escrevia para "Cachoeira de Itapemirim" em vez de "Cachoeiro de Itapemirim".

— Cachoeirááá! Tenho vontade de rasgar esta carta. Boa coisa não há de ser. Gente que escreve para aqui e nem sabe o nome da cidade só pode ser por interesse. Garanto que isso é para pedir alguma coisa ou propor algum negócio embrulhado. Se fosse para mim eu rasgava sem ler.

Durante toda a minha infância vi-o andar léguas e léguas, milhares de léguas no seu passo lento, sob o sol e a chuva. Depois veio um outro estafeta. E me lembro que uma vez, em um bairro pobre da cidade, parei por acaso à porta de um barraco miserável. Lá morava o antigo carteiro, e falou comigo. Estava magro, desfigurado, e assim à paisana ele me pareceu infinitamente absurdo e infeliz, como um rei deposto. O interior da casa onde se amontoava uma família triste era de uma pobreza desoladora.

Era um funcionário público. Tinha sido roído pelos seus intermináveis anos de sol e de chuva e morreu algum tempo depois de tuberculose, deixando a mulher e os filhos com um montepio ridículo. Era um funcionário público e me lembro dele quando ouço alguém atacar os funcionários públicos sem abrir exceções, sem pensar nesses que trabalham de verdade, trabalham a vida inteira e fazem parte da própria alma, da própria vida deste País a que servem — como aquele carteiro amigo que era a ligação viva de Cachoeiro com o resto do mundo.